



PORTA-BANDEIRA NO TERCEIRO MILÊNIO:  
RODOPIOS DO IMAGINÁRIO

FLAG-BEARER IN THE THIRD MILLENNIUM:  
IMAGINARY SPIRITS

Milton Reis CUNHA JUNIOR<sup>1</sup>

SquelJorgea Ferreira VIEIRA<sup>2</sup>

Tiago José Freitas BATISTA<sup>3</sup>

Viviane Martins RAMOS<sup>4</sup>

Selma de Mattos ROCHA<sup>5</sup>

Thiago Acacio de ALMEIDA<sup>6</sup>

Lília Fernanda Gutman Tosta Paranhos LANGHI<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> PhD em História da Arte (EBA/UFRJ), Doutor em Letras (UFRJ), Mestre em Letras (UFRJ), Bacharel em Psicologia (UFPA), MBA em Moda e Indumentária (UNESA). E-mail: miltcunha@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Direito (UNESA). E-mail: squelvieira4@gmail.com

<sup>3</sup> Doutorando em Linguística (UFRJ), bolsista CAPES, Doutorando em História da Arte (UERJ), Mestre em Letras (UNIR), Especialista em Tecnologias e Educação a Distância (UNIMAUÁ), MBA executivo em gestão de Marketing e Comunicação Integrada (UNICID) e Especialista em Docência do Ensino Superior (UNICID). Licenciado em Letras (UNIRON). E-mail: tiagofreitas.professor@gmail.com

<sup>4</sup> Licenciada em Educação Física (UFRJ) e Mestrado em Artes pela (UERJ). E-mail: vivimartinsfolc@gmail.com

<sup>5</sup> Bacharel em Direito (UNIG), Pós-graduanda em Gestão (UERJ). E-mail: selminhasorriso@uol.com.br

<sup>6</sup> Bacharel em Publicidade e Propaganda (UNESA), Licenciando em Ciências Sociais (CPII), Pós-graduando em Relações Étnico-Raciais: Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (UCAM). E-mail: contatothiagoacacio@gmail.com

<sup>7</sup> Mestre em Letras (UERJ), Pós-graduada em Literatura Brasileira (UERJ), Pós-graduada em Didática do Ensino Superior (UGF), Graduação em Letras (UGF) e em Gestão de Carnaval (UNESA), Gestão Executiva (Coppead/UFRJ). E-mail: lilialanghi@gmail.com





## RESUMO

Este estudo versa sobre os imaginários em torno da figura da porta-bandeira que, para alguns, é tida como uma santidade, por outros é tida como uma rainha. O que se objetiva é dar ouvidos às vozes das protagonistas desta discussão para que elas possam dizer, sob sua perspectiva, que lugar é esse que ocupam. A partir dos relatos das portas-bandeiras entrevistadas, este estudo visa trazer os elementos que constituem estes imaginários sobre esta figura que porta o símbolo maior de uma escola de samba. Nossa coleta de informações se dá a partir da oralidade e da experiência de cada uma delas.

## PALAVRAS-CHAVES

Porta-bandeira; Carnaval; Escolas de Samba; Imaginários.

## ABSTRACT

This study deals with the imaginary surrounding the figure of the flag-bearer, who, for some, is considered a sanctity, for others it is considered a queen. The aim is to listen to the voices of the protagonists of this discussion so that they can say, from their perspective, what place they occupy. Based on the reports of the interviewed flag bearers, this study aims to bring the elements that constitute these imaginary about this figure that bears the greatest symbol of a samba school. Our collection of information is based on the orality and experience of each of them.

## KEYWORDS

Flag-bearer; Carnival; Samba schools; Imaginary.





*“A obra de uma artista  
reflete os dilemas de seu tempo”  
(Nina Simone)*

*“Ser uma artista popular, uma porta-bandeira em 2020  
nos coloca de frente com as questões do nosso tempo.  
É preciso estar atenta ao nosso lugar e observar  
o que acontece ao nosso redor e assim,  
ir além da função de porta-bandeira,  
para que possamos colocar em prática a nossa  
responsabilidade social  
perante a nossa classe, perante a nossa comunidade”.  
(SquelJorgea)*

## **1. O SIGNO E A IMAGEM DA PORTA-BANDEIRA**

A porta-bandeira, como signo da dignidade da mulher sambista e imagem de opulência e deslumbre, ocupa uma posição-sujeito histórica centenária, com sua responsabilidade pelo pavilhão, suas evoluções técnicas, suas atualizações de significação, com seus enquadramentos em regulamento de julgamento oficial; mas também ocupa uma posição-sujeito humana, com sentimentos pulsantes e cotidianos, que a retiram deste altar de contemplação e “beija bandeira”, e aí está o conflito: a imagem-signo que rodopia e a humana que se incorpora, confunde (por algo que não se controla), produzindo sentidos que não deveriam apagar um ao outro, mas que se embaralham num imaginário de quem os sente.

Os imaginários sobre o comportamento de uma porta-bandeira são estabelecidos dentro de uma estrutura ideológica organizada pela história





social, não do samba. A história social e patriarcal insere a mulher num lugar de assujeitamento, de “exemplar” comportamento e fidelidade aos conceitos que a sociedade patriarcalista exala e imagina.

Este imaginário que produz como “natural” as qualidades da porta-bandeira (“ela tem uma graça natural”, ela é uma líder “natural”), nos faz citar Orlandi (1994, p. 54) que diz: “o que também estende-se a alguns que é admitido como natural é obra da ideologia que produz o efeito da evidência e da unidade, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados”. Aqui, sentidos institucionalizados nos ajudam a pensar na palavra tradição, já que muito se diz que, “tradicionalmente”, a porta-bandeira se comporta “assim ou assado”.

Souza (2017, p. 25) aponta para a reputação da porta-bandeira dizendo que esta é semeada “pelo merecimento, por sua apresentação impecável (trajes e adereços, cabelo, maquiagem, manicure e pedicure), exigência a que ela se impõe, aliada ao virtuosismo na execução da coreografia.” E afirma que ela é modelo para as outras integrantes da agremiação.

Interpretando Orlandi (1994), ela nos alerta para desconfiar deste efeito chamado evidência, que busca naturalizar comportamentos construídos e não inerentes. Haveria um imaginário mecanismo (linguagem com história) que determina a direção que a interpretação deve seguir, um sentido. Segundo Orlandi, “é pela ideologia que se naturaliza o que é produzido pela história”. Nessa perspectiva, podemos questionar uma forma única de entender a porta-bandeira, a tentativa de colocá-la num pensamento ou desempenho uníssono.





São vários imaginários, distintos nas épocas e nas comunidades. Da luta entre esta variação e a força de tentar estabelecer obrigatoriedades como qualidades naturais da porta-bandeira, este artigo baila nos sentidos e nas tramas da grande Dama. O que se imagina sobre a porta-bandeira em 2020? Quem é, e quem vê de fora, se encontra neste imaginar? Bandeiras desfraldadas e saias rodopiantes nos conduzem neste fascinante universo.

## **2. O MUNDANO, TÁ LIGADA: A EXISTÊNCIA ATENTA NA REALIDADE**

No grupo de pesquisadores do OBCAR, foi iniciado o debate do Imaginário sobre a porta-bandeira, a partir de comentário do pesquisador Rennan Carmo, destacando que “a gente já consegue perceber que estão vinculando uma dicotomia aos papéis dentro da narrativa da escola de samba, variando entre Santa e Pecadora. As Pecadoras seriam as rainhas de bateria, madrinhas, assistas, musas, hiper sexualizadas. E as baianas, a porta-bandeira e as senhoras da Velha Guarda ficaram no extremo da Santa”. A pesquisadora e porta-bandeira Viviane Martins, que hoje apresenta e ensaia casais, afirma que “muitas pessoas associam a porta-bandeira à “Santa”, devido à sua tão propagada dignidade, como se ela não pudesse errar. Ela também seria uma guerreira, que usa sua bandeira como arma de enfrentamento no mundano”.

Santidade, a qualidade da santa. Seria a porta-bandeira dotada de santidade? Santa não é, pois ela está viva e viver é perigoso. E se ela “pisar na bola” do pecado demais, ela perde a dignidade e o respeito da comunidade?

Essa qualidade mundana, de estar no cotidiano quando não está “na” porta-bandeira, a reafirma como uma mulher do real, que mesmo trabalhando, lutando, mesmo descendo o morro ou a comunidade, quando ela se investe do poder de colocar no talabarte a bandeira, ela dá o salto





para essa esfera de “altar”. Ela levanta o queixo porque observa tudo? Sim, ela vê os olhares, ela vê quem tá aprontando, ela sabe se ela leva a bandeira pra beijar ou não. A santa, distante, inatingível, não está conectada com a realidade, e a porta-bandeira está.

Para além deste aspecto de observadora, de posse do pavilhão da escola, ela está investida de uma autoridade que a permite tomar algumas dessas decisões. A Bandeira é uma representação de reconhecimento, uma chancela do seu papel na Agremiação. O status e hierarquia são dados pela distinção do traje, pela identificação mostrada na apresentação para julgadores etc. O peso do quesito sobre sua performance dividida com apenas mais uma pessoa, o mestre-sala, indica, também, tamanha representatividade e responsabilidade.

Refletindo sobre a construção desta ideia de Santificação, e, ao mesmo tempo, fazendo juízo crítico e reflexivo sobre o papel da porta-bandeira, este artigo busca investigar as diversas visões possíveis desta Santidade Mundana da porta-bandeira.

SquelJorgea, porta-bandeira do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, defende que “ser porta-bandeira em pleno 2020 vai muito além da arte do ofício, e de toda a preparação” e aponta para um outro lugar no qual ela é colocada: “A responsabilidade social e a representatividade passaram a nortear o meu caminho e, assim, abriram os meus olhos e ouvidos para tudo o que acontece à minha volta. Tanto na comunidade com a qual tenho vínculo, mas também com a minha arte perante a nossa classe”. Nesse sentido, o “peso” do pavilhão extrapola os limites da Sapucaí. Então, qual o papel da porta-bandeira na sociedade da mulher empoderada? O poder e o lugar de fala ganham força. Como elas fazem uso disso?





Sabemos que muitas delas fazem a diferença, ajudando aqueles que precisam receber cuidados, através de projetos sociais. O que mais lhe cabe? Squel esclarece: “usamos da nossa fala para defendermos uma ideia em prol de todos, ou pela luta para que a essência da arte do casal de mestresala e da porta-bandeira não se perca. A nossa responsabilidade é grande, e precisamos ter noção de tudo que representamos enquanto artistas que representam comunidades e uma cultura popular”.

Sobre atenção à realidade, Lucinha Nobre, porta-bandeira do GRES Portela, lembra das questões salariais no mercado de trabalho: “estamos também numa constante luta por respeito e dignidade dentro da nossa profissão e acho que eu sempre lutei por isso. Sempre falei abertamente sobre as nossas necessidades salariais, numa época em que nem todas eram remuneradas, o que acabou gerando uma fama de ‘difícil’, mas não me arrependo, porque sei que a minha luta sempre foi por todas”.

Quando se fala em mercado de trabalho, a construção do imaginário rivaliza com o lado profissional da porta-bandeira, trazendo à tona seu lado real, como pessoa. Embora seja sua atuação que vá definir seu bom conceito, seu profissionalismo, sua valorização dentro desse mercado de trabalho, há também uma certa exigência de fidelização construída entre a porta-bandeira e a comunidade, como se a mudança de agremiação não fosse vista com bons olhos.

Há escolas que mantêm a tradição por muitos anos e é quase inconcebível imaginar a troca de suas porta-bandeiras, seja pelo perfeito entrosamento com seu par, seja pela garantia da pontuação máxima no quesito, ou mesmo pelo compromisso social e identificação que elas mantêm junto à comunidade. Porém, entre muitas escolas, tão logo acaba o Desfile das Campeãs já se





especula a “dança das cadeiras” de diferentes profissionais, na qual se incluem mestre-sala e porta-bandeira e, às vezes, individualmente, um dos dois. Eventuais mudanças geram grande repercussão no meio e na mídia do Carnaval e tensões entre os casais.

A porta-bandeira, ao adentrar a quadra, geralmente, é recebida por um diretor de harmonia que a reverencia, pega sua bandeira e a posiciona no pedestal. Enquanto a porta-bandeira altiva e simpática atravessa a quadra cumprimentando sua comunidade, o que também estende-se a alguns principalmente baianas e velha guarda, os olhares se voltam para ela.

Sobre este ritual de entrada na quadra, esta “aparição comovente”, Squel conta: “A relação com a comunidade e os torcedores começa com a proximidade que eles têm comigo ainda na parte de fora da quadra. Poder perceber os olhares emocionados, curiosos, afetivos e festivos por um registro ou um rápido diálogo é um momento único. E assim que consigo pisar na quadra, já tem um diretor me aguardando para receber o pavilhão e a mim. Ele segue com o manto sagrado, eu faço as honras da casa sempre cumprimentando aos que lá estão e desejando boas-vindas a quem está ali pela primeira vez. Percebo a emoção, a alegria e os olhares atentos e apaixonados aos guardiões do seu pavilhão. Ao término do ritual de apresentação do casal vou para as fotos, mesmo suada e com sede, seguimos para mais registros fotográficos e só depois consigo ir cumprimentar os meus ritmistas que já esperam a minha visita. Poder receber toda essa energia positiva, carinho e amor é uma dádiva. Me sinto abençoada em ser essa pessoa que caminha ao lado dos meus e eles me cercam de proteção”.

O encantamento pela porta-bandeira difere do encantamento por uma celebridade, ou por um ídolo. Há uma carga maior de significados





carregados por ela. Souza (2017) entende que a Porta-Bandeira seja a imagem personificada da escola, pela qual todos querem se sentir enxergados, querem tocar, abraçar, beijar, tirar foto, sentir que é de carne e osso.

### **3. A MAJESTADE, SANTIFICADA E MUNDANA, IMAGINADA**

O mundano, aquilo que caracteriza a vida em sociedade, tanto nos aspectos convencionais e superficiais (as formalidades, etiquetas, etc.), apresenta forte aspecto de valorização do mundo material, apreciação de prazeres e bens, e também a performance de cumprir os deveres sociais, a obediência à formalidades, as normas de etiqueta.

A Santificação, engrandecimento e valorização de alguém, elevação, exaltação, estão aqui em consonância com a celebração deste acordo no rito da escola de samba, de que a porta-bandeira é a representante máxima da dignidade dos componentes daquela comunidade. Souza (2017, p.25) afirma que “Elas são seguidamente objeto de louvor e admiração”. Desde já exclui-se aqui o aspecto canônico católico ou implicações religiosas que não aquela do lugar de fala deste discurso, a religião Afro-brasileira e seus Orixás.

Na acepção dicionarizada por Nei Lopes, Orixás são “entidades sobrenaturais - forças da natureza emanadas de Olorum ou Olofim – que guiam a consciência dos seres vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade. Algumas vezes representando ancestrais divinizados, os Orixás manifestam-se por meio daquilo que o povo de santo denomina “qualidades”. (LOPES, 2011)

Portanto, ser dotada de uma Santidade Mundana qualifica a exaltação da porta-bandeira como cumpridora de um ritual valoroso e ao mesmo tempo, uma





habitante do real, capaz de apreciar as regras do mundo e os comportamentos que a rodeiam. Uma Santa antenada? Sabida e esperta, educada!

Este rico imaginário que circunda a tradicional figura feminina, que está autorizada a empunhar a Bandeira que representa sua agremiação, aqui tangencia a questão de Santa, Santificação e qualidades da Santidade, que tanto intriga os estudiosos da Narrativa da escola de samba: a “aura” carregada pela Dama que se transforma numa só construção, ao empunhar a Bandeira, e que a coloca num “altar” muito especial, fascinante. O altar de “ter o respeito dos sambistas”.

Sobre a representação e esse Imaginário no que se refere à porta-bandeira, Souza (2017) traz um recorte do espetáculo teatral “Entregue seu coração no recuo da bateria”, que apresenta o personagem Claudinho, mestre-sala da escola, que, antes de iniciar seu desfile, dialoga com sua porta-bandeira e, nesse diálogo, Claudinho diz: “Obrigado ao mestre Dionísio, por cada vez que ele me dizia: O foco é ela! Esta mulher carrega o pavilhão! Esta mulher é o centro do mundo! Você é um dançarino, ela não, ela é uma deusa!” (Texto de Marcus Galiña e Pedro Monteiro. Direção de Joana Lebreiro. Uma homenagem ao samba e aos carismáticos personagens do carnaval carioca. 2016-2017).

Prosseguindo com a fala das porta-bandeiras no desdobramento dessas reflexões aqui propostas, Squel conta que também já definiu como rainha: “Num ensaio de comunidade, que acontece às terças-feiras na quadra da Grande Rio, a grande Dona Dodô da Portela foi me fazer uma surpresa ao ir assistir o meu ensaio, dando a sua bênção como madrinha. Ao adentrar a quadra, ela despertou a curiosidade nas crianças e adolescentes que me perguntaram: ‘Quem é essa velhinha, para estar sendo tratada assim pelos





diretores que a receberam?’. Respondi: ‘é para tratá-la como uma rainha, vocês não têm noção da importância dessa mulher para a arte do mestre-sala e da porta-bandeira; ela recebeu a bandeira das mãos de Paulo da Portela, o fundador da Agremiação Azul e Branca de Madureira’. E por causa disto, eu criei o blog ‘Bandeira da Memória’, que foi feito com a intenção de guardar memórias e mostrar histórias de sambistas que a juventude não conhecia”.

A porta-bandeira, muitas vezes, é considerada por alguns sambistas como a primeira-dama de escola - “assim como uma rainha”, dizia o mestre Delegado, ou “A mais bela dama que deve ser reverenciada como uma deusa”, segundo o jornalista Aydano Motta (2013, p.31). (SOUZA, 2017, p.25).

Santa ou dotada de santidade? E que santidade seria essa? A porta-bandeira é a dignidade apontada e referendada pelo seu núcleo, o Grêmio Recreativo. Uma grande dama-digna. E sendo a digna que enxerga tudo - a dor, a maldade, que defende a família dela e das outras, sua comunidade, podemos afirmar que sua força é ter consciência de todos os aspectos do mundo, sobre o bem e sobre o mal: o pecaminoso e o glorioso. Logo, a porta-bandeira é antenada com a realidade que a rodeia. Ela não é boba, não vive no mundo da lua, não é iludida, não é enganada. Mas está na confortável posição de endeusada, o que faz com que o ônus da interpretação do Personagem seja bastante intenso.

Viviane recorda: “Quando eu dançava, era muito comum as pessoas associarem a porta-bandeira quase que a uma santidade.” E afirma “na verdade, não é, não tem nada de santo, tem porta-bandeira que não é tão boa pessoa não”. E reitera apontando o que talvez seja um dos limites dessa tal santidade imaginada sobre a porta-bandeira: “um decote um





pouquinho mais acentuado, as pessoas já falam. A porta-bandeira é uma defensora de todas as causas”.

Na visão de Lucinha, “a porta-bandeira não vai pro lado da santidade, mas ela tem um quê de rainha, de soberana, do respeito. Certa vez, eu apresentei a bandeira pra bateria, e todos abaixaram a cabeça em reverência à porta-bandeira. Acredito e vejo uma certa idolatria, no sentido do respeito, da admiração profunda. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas entendem que é carne e osso, que elas também precisam do seu momento de lazer, e as pessoas entendem e respeitam. Acho que passa longe da santidade, porque santa se coloca num pedestal, e a porta-bandeira erra, acerta, está feliz, está triste. Às vezes, estar colocada num patamar muito alto não é sensato”.

A porta-bandeira do G.R.E.S. Unidos do Viradouro, Rute Alves, não concorda em ser vista como santa, quando “está” porta-bandeira. “Baiana, associamos a mãe, aquela que protege, aquela que roda a baiana pra defender o seu filho. Mas as mães também não são santas, né? Eu sou mãe, mas santa não sou não”.

Selminha Sorriso, da G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis sente ser “uma mulher desse tempo atual, que tem uma missão de salvaguardar a história da porta-bandeira. No meu pavilhão, está contido vida e sentimentos, luta, suor, dor, e, acima de tudo, superação. Ser participante deste seletivo grupo de porta-bandeiras é uma missão, pois, na luta, não podemos perder a ternura que tem que ter com a bandeira.”

A porta-bandeira Vilma Nascimento, que desenvolveu fulgurante carreira nas décadas entre 1950 e 1990 e ficou conhecida como o Cisne da Passarela, diz que a figura da porta-bandeira é muito importante pelo fato dela ter a responsabilidade de conduzir o símbolo maior da escola de samba, o pavilhão.





Ela diz que se sentia orgulhosa, uma rainha, ao pisar na avenida portando seu pavilhão, mas reivindica “eu acho que uma porta-bandeira e um mestre-sala têm que brigar pelos seus direitos na agremiação, o que estiver combinado os dirigentes da agremiação têm que cumprir e eles também. E com os jurados também, têm que brigar (pelos direitos). Em uma entrevista com os jurados têm que falar tudo.” Ela pontua que um casal merece respeito em todos os âmbitos, pois conduz o símbolo de maior orgulho da escola e finaliza dizendo que vê o casal de mestre-sala e porta-bandeira com orgulho “eu me sentia a rainha e, o Benício, seu mestre-sala, o rei”.

A porta-bandeira tem a função de ostentar, conduzir e apresentar o pavilhão da sua escola de samba, que deve estar sempre desfraldado no momento do giro. Ela deve se apresentar com gestos elegantes, simpáticos, suaves e leves, com postura de uma rainha como se estivesse flutuando na passarela, deve demonstrar simpatia ao apresentar o seu pavilhão e estar perfeitamente integrada na execução da dança com o mestre-sala. Aydano (2013) apud Santos (2017, p. 31) diz que “ela transforma a bandeira numa extensão no próprio corpo. Não há, a olho nu, esforço na evolução - somente graça e beleza.”

Mestre Manoel Dionísio, que é criador da maior escola de casais de mestre-sala e porta-bandeira do Rio de Janeiro, expõe que, na sua visão, a porta-bandeira é uma rainha e enfatiza “uma rainha mesmo”. E explica que pela responsabilidade que ela possui, chega a ser incômodo ter que repetir frequentemente para que as pessoas compreendam que “a porta-bandeira representa o total de componentes no desfile, no dia do desfile e mais a comunidade de onde vem essa escola.” O mestre acrescenta que a vê como rainha pelo comportamento que ela tem que ter e diz que “porta-bandeira é





porta-bandeira em qualquer lugar que ela estiver”, e que é comum as pessoas usarem o cargo como referência e fazerem menção à ela sem ao menos proferir o nome, muitas vezes falam “essa daí é a porta-bandeira da escola X”.

Indo um pouco além, o mestre diz que antes o posto de primeira-dama da escola era atribuído à esposa do presidente da agremiação e que, após Renata de Sá Gonçalves lançar o livro “A dança nobre do carnaval” pela editora Aeroplano no ano de 2010, fica subentendido que a primeira-dama da escola não é a esposa do presidente e, sim, a porta-bandeira. E reafirma que a porta-bandeira é uma rainha. Entretanto, no cotidiano e na burocracia das Escolas de Samba, a esposa do Presidente continua a ser a Primeira-dama.

De acordo com antigo mestre-sala Belenzinho, que iniciou no bailado em 1960 e dança até hoje, a porta-bandeira é como uma dama antiga que conduz o pavilhão. Ele diz que “logicamente, ela deve ser sempre reverenciada e ter a postura de uma dama elegante tanto na hora em que está conduzindo a sua bandeira, quanto fora do momento da condução da mesma”. Percebemos que, no olhar deste nobre condutor, a figura da porta-bandeira é de uma mulher que tem dignidade para conduzir o pavilhão independentemente de estar exercendo o ofício, e completa dizendo: “não vejo a porta-bandeira como uma santa, vejo como uma pessoa normal sendo que responsável pelo pavilhão de uma agremiação, mas não como uma santa. Tem que ser reverenciada por ser a primeira-dama da escola que conduz o pavilhão. Quem conduz o pavilhão é a pessoa que tem que ser sempre a principal”. Vemos aqui, assim como na fala de Mestre Dionísio, mais uma menção à porta-bandeira como a primeira-dama da escola, o que levanta a questão de que, não sendo casada com o Presidente, na verdade, ela é casada com o pavilhão.





Para o pesquisador Leonardo Bruno, “os conceitos da santa e da pecadora estão associados à tradição cristã, porque se relacionam com as figuras da Virgem Maria (a Santa) e Maria Madalena (a pecadora), duas figuras femininas da Bíblia. Na questão da porta-bandeira, penso que essa figura se afasta da santa à medida em que seu bailado é carregado de sedução. Quando está dançando com seu mestre-sala, naquele ritual deles, ela é sedutora, o que a afasta desse ideal da santa católica. Essa sedução da porta-bandeira mostra uma característica humana, da mulher real, da mulher viva. Apesar de seduzir o mestre-sala e de formar com ele um casal, naquele espaço social, a mulher é a protagonista, o que raramente é visto nos outros espaços nos quais convivem homens e mulheres”.

Ainda sobre a questão da porta-bandeira como santa, Leonardo diz que, para ele, é pavilhão que carrega santificação e não a porta-bandeira em si. E argumenta trazendo relatos de que as porta-bandeiras se transformam quando elas colocam o pavilhão no *copinho*<sup>8</sup> do talabarte. Para ele a centralidade está no pavilhão, no objeto. E argumenta fazendo a analogia do pavilhão com uma coroa, que faz com que aquela mulher se torne rainha e a partir do momento em que ela passa a coroa para outra pessoa - quando ela é destituída do cargo de porta-bandeira – ela deixa de ser rainha. Para Leonardo, a porta-bandeira só é rainha quando ela está empunhando sua bandeira.

Para o jornalista e pesquisador Aydano André Motta, a porta-bandeira é uma líder, uma protagonista, uma guerreira que encara – e vence – suas batalhas quase sozinha, apenas com o auxílio (no papel de coadjuvante, sempre) do mestre-sala. Como num pacto não escrito, elas integram uma

---

<sup>8</sup> Peça integrante do talabarte onde a porta-bandeira apoia o mastro de seu pavilhão, prendendo-o em seu corpo.





confraria que não se contenta com nada menos do que a perfeição. De gerações, origens e trajetórias diversas, entregam-se igualmente à busca pela nota máxima, pela consagração irretocável, muito além de serem campeãs com suas escolas. Exercem o ofício muito além da avenida, numa atitude que as diferencia permanentemente. Conhecer as porta-bandeiras mostra que o mundo estaria muito melhor se entregue às mulheres.

Quanto ao casal em relação entre diferentes escolas, Gonçalves (2010) apud Santos (2017, p. 30) afirma que “cabe ao par visitar e comunicar-se diplomaticamente com outras escolas, assim como representar a escola em diferentes momentos. (...) Ela, ativa, intocável, não se curva, não se deixa tocar por ninguém, nem permite que um pavilhão seja ‘desfraldado’”.

O personagem da porta-bandeira, segundo Squel, se coloca à frente da mulher. Esta superposição de personas, se por muitas vezes, protege a porta-bandeira na Quadra ou fora dela, pois as pessoas a reconhecem e dão atenção especial a ela, também faz com que as pessoas esqueçam que, por trás de roupas refinadas (usadas nas quadras) e das luxuosas fantasias (usadas na Avenida e em shows), existe uma mulher passível de erros e acertos, como qualquer ser humano. Inclusive, muitas vezes as pessoas chegam a dizer que não reconhecem a mulher sem toda aquela vestimenta exuberante (citam com determinado espanto, achá-las menores na altura, pois a fantasia passaria a impressão de que são mais altas). Squel também destaca proteção e afeto como sentimentos que esta rainha desperta em seus súditos (ela conta que eles adoram vestir suas cores para que ela logo os identifique na multidão). “A comunidade, assim como os torcedores, têm uma visão muito respeitosa com relação à porta-bandeira. E, quando a porta-bandeira se coloca de uma forma acessível para um contato mais





próximo, o afeto torna-se ainda maior e o cuidado, assim como o respeito, a admiração e a proteção, tornam essa relação ainda mais forte”.

Marcella Alves, porta-bandeira do GRES Salgueiro, externa a visão de que a porta-bandeira encarna a mulher guerreira e atrevida, que se propõe a, mesmo com todos os seus contratemplos diários, se vestir como rainha e deter o “poder” de representar sua gente e contar a história do seu povo através da sua dança. “Quando a porta-bandeira coloca seu pavilhão na cintura e sai a bailar, ela se torna forte e destemida, não em competição e sim, em defesa”. Para Marcella a representatividade da porta-bandeira no samba faz essa reflexão sobre o imaginário que nos cerca. Fazer um levantamento histórico e evolutivo da nossa arte, é manter viva a magia do bailado e sustentar sua tradicionalidade!

#### **4. PORTA-BANDEIRA E A NOVA MATERNIDADE: EXEMPLO, REFERÊNCIA, ESPELHO**

Lucinha reflete sobre a luta de seu tempo: “Pessoalmente, eu escolhi ser exemplo. À porta-bandeira cabe o entendimento do que ela representa para a escola. Portanto, tem que ter disponibilidade, respeito e carinho para com o torcedor”.

Sobre a importância do modelo social da mulher e do personagem porta-bandeira, Squel chama atenção para o comportamento imitativo das crianças em relação ao casal; “como se as crianças olhassem num espelho e se vissem, na imagem refletida, com as roupas, os cabelos e os sapatos daquele casal, da “mulher que roda a bandeira e que parece uma rainha (ou princesa)”.

Sobre o protótipo do “feminino”, ela narra a cópia dos penteados em trança afro-nagô, que as garotas fã fazem, dizendo que “ficariam bonitas igual





à Squel”. Squel conta que na porta da quadra, ao chegar, ela se abaixa para mostrar para as animadas garotas sua cabeça, pois as meninas querem ver detalhes, pegar no penteado de seu objeto de admiração. Nesta contemplação, que Squel considera “tranquila”, está configurada a importância do modelo adulto de aceitação, orgulho e autoconfiança para que, na observação atenta das jovens, a porta-bandeira seja elemento de ajuda na construção de personalidades femininas mais fortes.

A porta-bandeira relata, ainda, que na creche da comunidade, crianças de até 3 anos batizaram a boneca cuidada por todas como “Squel” quando foram perguntadas pela professora qual nome aquele bebê deveria receber (“parece com a tia Squel da Mangueira”). Daí a importância de a porta-bandeira interagir com todos, na comunidade. “Isso é de extrema importância” e destaca a relevância para a comunidade negra ter uma porta-bandeira negra e nela se ver refletida.

A porta-bandeira exerce a maternidade para além da concepção, nas suas ações. A porta-bandeira e as crianças da comunidade se observam. Vejamos este aspecto que Squel da Mangueira ressalta: “as crianças nos observam. A porta-bandeira é aquela mulher observadora, ela está vendo tudo e a todos. Mas também é observada. Os ritmistas da bateria dizem que ninguém pode falar de mim no morro, que eu sou muito amada. E essa proteção vem por causa do relato das crianças em casa: os pais escutam, e isso cativa, por conta da minha proximidade com elas. E eu percebo como isso é importante para as famílias da comunidade”.

Além das crianças, a própria bandeira pode ser encarada como um bebê. Souza (2017) afirma que uma porta-bandeira deve demonstrar a capacidade para cuidar e zelar do pavilhão da escola. É o que confessa





Selminha: “A bandeira pra mim é meu bebezinho. Precisa de cuidado, atenção, amor e de defesa, ao mesmo tempo que possui uma força imensurável. Ele escolhe aonde que ele quer nascer. Durante muitos anos, a minha bandeira foi confeccionada pela mesma pessoa, com muito amor. A costureira e bordadeira Dona Carmem, que possui grande entendimento do que é um pavilhão; do que ele significa para a escola de samba e para um casal. Ela me entregava a bandeira na caixinha, tinha um ritual, tudo bonitinho, vinha arrumadinha”. A porta-bandeira da Beija-Flor externa grande orgulho deste período e reforça: “Se me entregarem amarrotada, num saco de mercado, eu fico desapontada, e eu não quero fazer bandeira neste lugar. Precisa ter noção do que é uma bandeira, do que é um pavilhão, do que significa essa logo, nesse tecido. Minha bandeira é sempre limpa e cheirosa, não é posta num lugar qualquer, é sempre destaque na minha casa, e como a mãe, fico ali cuidando, como se fosse um tesouro. É meu bebezinho que eu gerei, que precisa de todo amor, todo cuidado, pra que possa crescer lindo e saudável”.

Nesse caso, é perceptível a personificação do pavilhão expressa na fala da porta-bandeira que lhe dá vida - “bebê” e “bebezinho” (no diminutivo, com conotação emocional) e, como tal, o torna passível de cuidados, dependente de alguém que garanta seu bem estar.

Outra porta-bandeira também apresenta o mesmo recurso da personificação em sua fala afetiva sobre o pavilhão, com quem mantinha interlocução, “conversava”: Rita Freitas conta que “a bandeira não é um pano, é o símbolo de uma comunidade inteira. Eu sempre a guardei, a lavei, a amarrei; ela tinha que estar junto comigo em todos os lugares onde estivesse como porta-bandeira, não me afastava dela. Até conversava, rezava,





mantinha uma relação íntima com todas as bandeiras das Escolas onde estive, no Salgueiro, no Império Serrano e na Grande Rio, onde desfilei um ano”.

Reforçando esse discurso de cuidado e proximidade com a bandeira que representam, Rute ressaltava os instintos de proteção da porta-bandeira: “nós somos egoístas, o pavilhão é nosso, nós não defendemos o pavilhão de mais ninguém, é nosso e é nosso, nós carregamos o pavilhão”. Dodô, antológica porta-bandeira da Portela, falecida em 2015, revelou qual é a importância da bandeira para a escola e para a porta-bandeira, em entrevista a Aloy Jupiara, publicada na Samba em Revista, nº 4, em 2013:

“Bom, a porta-bandeira é a rainha da escola. Quando eu passava com a bandeira, os homens tiravam o chapéu. Isso é respeito. Então, a gente não podia pegar a bandeira mal vestida. Não podia ter roupa decotada. Tinha que estar decente para buscar a bandeira. Se não, o diretor não entregava a bandeira. Ainda mais o Paulo, que gostava de andar direitinho”.

## **5. ÔNUS E BÔNUS: O JULGAMENTO DE NOTAS A RETIRANDO DESTE LUGAR, PODENDO INCLUSIVE ENDEUSÁ-LA OU DEMONIZÁ-LA**

A problemática da tensão entre Santa e Pecadora volta à cena na abertura dos envelopes com as notas dos julgadores do desfile. Como humanizar para que a questão do peso carregado pelo personagem principal não se torne fardo impossível? Em cima deles dois, do mestre-sala e da porta-bandeira, todo o padecimento, a responsabilidade. Demonização ou endeusamento a depender da nota.

Todas as entrevistadas concordaram que o casal de mestre-sala e porta-bandeira (e principalmente a porta-bandeira) carrega vários pesos, muita responsabilidade e a tensão sobre a nota. A rainha mandatária,





que na quadra se movia com destreza de autoridade, agora se submete a ministros. O poder da pena exercido pela idolatrada, que assinava o futuro do reino, agora está sob fogo cerrado. A investida do poder executivo agora aguarda o veredicto dos investidos da Passarela. A que decidia quem pode, quem tem o direito, a magnânima em conceder as honrarias pra quem vai beijar a bandeira (elas implicam com chinelo, bermuda, lata de cerveja), agora é julgada.

Squel chama a atenção para a necessidade de “aceitar o humano que há na figura da porta-bandeira criaturas passíveis de erro (“somos seres humanos como todos”), julgadas e condenadas, com notas do quesito e comportamentos no dia a dia”. E surge a pergunta: Como os manuais de julgamento dos dois maiores carnavais do Brasil fazem abordagens sobre o quesito de mestre-sala e porta-bandeira?

No Rio de Janeiro, as abordagens são feitas em uma única página. Em São Paulo, encontramos um detalhamento sobre o quesito em seis laudas. Não nos interessa promover comparação de qualidade sobre os regulamentos, mas debater como cada um funciona. No carnaval carioca o regulamento diz que os passos deverão agregar “passos e características próprias, com meneio, medidas, giros, meias-voltas e torneados”. No regulamento paulistano, pelo ponto da técnica se exige a exibição da dança do minueto que “significa dança de passos miúdos (menus), caracterizada pela delicadeza dos movimentos. O homem e a mulher, quando tomados pelas mãos, o fazem de maneira suave, executando giros e reverências um para o outro, no Brasil o minueto foi trazido pelos Franceses”.

Pelo aspecto histórico do quesito, o Manual do Julgador do Rio de Janeiro aponta que “a harmonia do casal que, durante a sua exibição, com





graça, leveza e majestade, deve apresentar uma sequência de movimentos coordenados”, revela aspectos de uma majestade sublime que é a personagem narrativa da porta-bandeira em uma agremiação. No Manual de São Paulo nota-se o uso da palavra “rainha”, vejamos: “A porta-bandeira tem a função de ostentar, conduzir e apresentar o pavilhão da sua escola de samba, que deve estar sempre desfraldado no momento do giro. Ela deve se apresentar com gestos elegantes, simpáticos, suaves e leves, com postura de uma rainha como se estivesse flutuando na passarela”.

O que é relevante destacar é que em ambos os regulamentos é exigido que a porta-bandeira seja a grande dama que flutua, plana com elegância, beleza, leveza e majestade. A grande rainha sublime da noite carnavalesca.

O manual carioca é considerado mais subjetivo, de via mais autoral do julgador que se baliza pela indumentária e dança de uma forma mais ampla. São carnavais diferentes, julgamentos diferentes e realidades distintas. Numa linha temporal, houve mudança quanto à avaliação do casal de mestre-sala e porta-bandeira. No início, a partir de 1938, quando passou a receber notas, julgava-se quanto a beleza e originalidade da fantasia. Como registrado no livro *A Força Feminina do Samba*, (NOGUEIRA, 2007): “Somente em 1958 a dança começou a valer ponto em concursos oficiais. Esse foi o primeiro passo para que a técnica começasse a ser exigida”.

## 6. UMA SANTIDADE ANCESTRAL

O Babalawo e Professor Ivanir dos Santos, pensando a santidade da Orixá que está junto com a figura da porta-bandeira, escreve: “A porta-bandeira simboliza o nosso Sagrado Feminino, inclusive a nossa ancestralidade





feminina. Sendo assim, todas as yabás se incorporam nesse movimento mágico feito por ela. Tanto na questão da fecundidade, na questão do vento que é muito importante para todos nós. Então a porta-bandeira é um símbolo feminino muito importante da nossa ancestralidade e das nossas tradições do papel das matriarcas e das mulheres no conjunto dos movimentos que ela faz durante a evolução em todo o seu trabalho. Ainda mais secundada, sendo sempre acompanhada pelo princípio masculino que é o mestre-sala. Então, é importante entender: que princípio é esse divino? Que é importante para todos nós. Que gera a vida, que dá a procriação e também o papel de Exu, que é muito importante para todos nós.”

A porta-bandeira reforça o exercício de poder da mulher, principalmente a mulher negra, protagonista na exibição do Casal; a sua representatividade simbolizada no Sagrado Feminino passa pela liberdade religiosa. Não é interessante refletir que um número expressivo delas se dedica aos cultos afro-brasileiros e isto se dá num país intolerante como o Brasil, e sobretudo no Estado do Rio, que registra grande número de ataques? O Babalaô Ivanir dos Santos escreve:

Ora! Mesmo garantida por lei, a liberdade religiosa não é uma realidade para as religiões em solo brasileiro e para tal averiguação basta deitar nossos olhos sobre dados do relatório sobre os casos de Intolerância Religiosa no Brasil, publicado em 2017 pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas, em parceria com o Laboratório de História das Experiências Religiosa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LHER/UFRJ) e, com a editora Klíne. Assim, os dados nos revelam uma nefasta realidade que assola a todas as minorias religiosas representativas no Brasil, que durante muitos anos usou o slogan “Somos todos iguais” e é lido no exterior como “o país das igualdades” (SANTOS, 2009, p.1).





Mestre Dionísio, explicando que o posto de porta-bandeira é o maior que alguém pode galgar numa escola de samba, declara que não é sensato associá-la a uma santa. Como dizem que cada escola de samba tem um toque para um Orixá, Dionísio arrisca dizer que quando a porta-bandeira dança acaba, de alguma maneira, por reverenciá-lo, mas que ele prefere não se aprofundar nesta questão, pois é algo que não conhece muito bem. Squel afirma sentir uma força indescritível por poder evoluir no chão da quadra em que rituais ancestrais foram realizados pela agremiação na invocação da proteção dos Orixás. Ela afirma que “nesse momento, em que a emoção, o orgulho e a honra tomam conta do lugar, o desfraldar do pavilhão, em movimentos circulares, espalha axé através dos fundamentos e da história que nele se fazem presentes”. E segue dizendo que “se juntam a tudo isto, neste momento, as histórias de todos aqueles ancestrais que lutaram para que a agremiação chegasse até o presente momento. Eles ensinaram os sambistas a viver esse amor incondicional, que é defender a escola de samba, a sua gente, as suas cores”.

Carlinhos Brilhante diz que a porta-bandeira sempre será uma rainha, pois ele diz que a vê como uma pessoa nobre. O mestre-sala, que já defendeu diversos pavilhões como do GRES Acadêmicos do Engenho da Rainha e do GRES Unidos de Vila Isabel, explica que, por ter que cortejar a porta-bandeira com elegância, ele sempre a viu com muito amor e carinho, e completa: “então a porta-bandeira pra gente é tudo, ela é uma deusa e sempre será deusa. E quando a gente está dançando, a gente se inspira nela”. Ele esclarece que não vê a porta-bandeira relacionada à orixá, mas diz que vê nela o poder da santidade devido às suas virtudes, embora não esteja relacionada a figura de santa.





O pesquisador Leonardo Bruno diz que na tradição das religiões de matriz africana não existem a Santa e a Pecadora, pelo contrário, as Orixás femininas são humanas, com todos os seus defeitos e qualidades de pecadora e de santa, não havendo essa separação entre uma e outra. Selminha Sorriso, do G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, chama a atenção para um “vínculo espiritual” entre a mulher e a bandeira. Squel Jorgea diz que para o bem e para o mal, a porta-bandeira é rainha, Executiva que casa com a Nação, com o pavilhão. E esta “Persona Social”, dentro da Agremiação, sempre chega na frente da mulher, como se fosse um Orixá.

Dos arquétipos elencados por Pierre Verger, no Livro Orixás, entendemos que Iansã se encaixa na descrição aproximada das entrevistadas, pela persona de mulher forte e decidida, com seu amante Xangô, e o beijo proibido dos dois no infinito, escondidos, para explodir num trovão. Sobre isso, Rute Alves declara que “a porta-bandeira usa a dança para encantar, seduzir. Defendendo seu pavilhão ela seria egoísta, pois o toma para si. Não o divide com ninguém! Ela o defende e jamais defenderia o da outra. Ela é Yansã, eu me sinto Yansã”.

Veronica t’Òsòòsi, que é porta-bandeira e iyálorisà do ÁséÓmóÁróÒmin, afirma que “quando a porta-bandeira dança somos a representação sacra de toda uma ancestralidade que trago comigo. Não, especificamente o Òrisá, pois os meus Deuses são energias e elementos que se complementam no universo, assim como na vida nada anda só! Tem uma ancestralidade!” E completa dizendo: “Visualizo em nós, porta-bandeiras, que em nosso bailar e toda composição técnica de nossas danças, trazemos o simbolismo mais sagrado que existe para uma comunidade. Representando de fato toda historicidade, resistência desta arte chamada dança, beleza que reverbera no presente, isto também é ancestralidade. Sagrado! Porque respeitamos tudo aquilo que veio antes de nós!





Entendo que a nossa dança tem com certeza um link muito consistente com a nossa religião, no caso a minha, o candomblé. Dança é corpo em movimento e ao dançar eu abençoo e sou abençoada, com meu dançar eu recebo e distribuo axé! Diego Falcão, que é mestre-sala do G.R.E.S. Acadêmicos do Cubango e pai de santo, afirma que “a Porta-bandeira movimenta a ancestralidade que aquilo tudo traz, ela é a responsável pelo movimento da ancestralidade, e com aquela ancestralidade - eu acredito muito nisso, estou todo arrepiado - é... eu acredito nisso. E com o movimento da ancestralidade, aquela ancestralidade vai fazer o papel de encantar outras pessoas”.

Segundo Diego Falcão, “a bandeira não é um pedaço de pano qualquer, naquele pedaço de pano que a porta-bandeira porta no talabarte traz ali o sangue, o suor, navalhada, briga, fugindo da polícia, traz esse monte de coisas dessa história de vida e de entrega. Não é a mutação da energia dos ancestrais não, o que acontece é o movimento daquela ancestralidade, o movimento daqueles ancestrais que são os espíritos daquelas pessoas que lutaram aguerridamente pela aquela comunidade, por isso essa reverência à bandeira, essa reverência aos ancestrais. Na bandeira as porta-bandeiras sempre carregam seus patuás, suas contas, suas guias (as que são da religião), quem não é traz seu santinho, traz seu patuá. Patrícia, porta-bandeira que dança com ele do G.R.E.S. Acadêmicos do Cubango, traz em sua ponteira uma flecha de Oxóssi, o arco e flecha de Oxóssi. A porta-bandeira movimenta a ancestralidade que aquilo tudo traz, ela é a responsável.”

O Babalawo e Professor Ivanir dos Santos explicita sobre como o casal de mestre-sala e porta-bandeira pode reafirmar o poder da negritude e como isso é importante enquanto preservação da sabedoria negra: “O mestre-sala e a porta-bandeira nascem justamente nesse equilíbrio de energia e da força de





nossa ancestralidade, tanto masculina como feminina. Mas também é muito importante observar com o tempo, que as escolas de samba foram mudando as porta-bandeiras, mas no caso da Mangueira e de outras escolas que eu tenho observado, essa tradição se mantém. O fato de ser um casal negro, é muito importante para a auto-estima da comunidade em geral. Eu acho que isso é muito para nós, num momento de tanto racismo, num momento de tanta perseguição, de aculturação dos nossos espaços culturais. Aquilo foi construído com tanto zelo pelos nossos antepassados, onde vários religiosos construíram. Eu acho que manter nesse espaço, esse casal que simboliza o que é a dignidade, o que é a nobreza negra, é muito importante para nós.”

## **7. QUESTÕES SOBRE A NEGRITUDE**

Algumas porta-bandeiras são engajadas mulheres que se conectam com a problemática de suas comunidades e enfrentam os monstros sociais da modernidade, que o Babalaô Ivanir dos Santos chama de Leviatã Moderno.

“Leviatã é descrito em várias mitologias como o monstro destruidor, que ataca ferozmente suas vítimas com os seus imensos oito tentáculos. Na contemporaneidade, o nosso Leviatã, forjado durante séculos e séculos, se chama intolerância e, diferente das mitologias, cada tentáculo tem um nome. Vejamos quais são: racismo, misoginia, homofobia, transfobia, xenofobia, machismo, desigualdade e desrespeito. Juntos, esses tentáculos permeiam nossas relações sociais, políticas e religiosas deixando seus rastros de destruições por onde quer que passem” (SANTOS, 2009, p.1).

Para SquelJorgea, a conexão que se estabelece durante a apresentação do casal resgata a existência da negritude: “voltamos a exercer o que de fato e direito sempre foi nosso, desde nossa terra mãe. Quem é negro entende, sente essa energia ao dançar; quem é mulher e negra sente a força





e importância de todo esse ritual. Quando a ancestralidade (presente no pavilhão) é vinculada aos movimentos dos nossos corpos através dos giros pelo chão de nossas quadras, todo esse ritual de beleza, magia transforma o lugar, e uma energia única se faz presente”.

Quanto a esse aspecto, Selminha afirma que “o mestre-sala e a porta-bandeira são escolhidos pelos deuses africanos para exercer tal missão, uma missão grandiosa e linda. Não é fácil, mas é linda. Porta-bandeira não é só querer, tem que conseguir desempenhar esta função! É uma entrega, um compromisso! É responsabilidade, comprometimento e doação! Não é uma missão fácil, entretanto, é a mais linda função dentro de uma escola de samba”.

## **8. O MACHISMO**

É comum observarmos as exigências machistas em relação à porta-bandeira, tanto em relação ao seu comportamento quanto a suas vestimentas. Um decote mais ousado ou se ela estiver com um copo de bebida alcoólica, mesmo não estando trajada de porta-bandeira, por exemplo, levantam apontamentos, porém, quando quem está em voga é o mestre-sala, esses comportamentos são relevados. Um acontecimento considerado corriqueiro para um mestre-sala, muitas vezes, se torna colossal para uma porta-bandeira.

Segundo Squel, a mulher, historicamente, vem lutando por espaços em um mundo com pensamentos e comportamentos machistas. “Precisamos lutar para termos direitos a uma vida mais segura, independente e livre de apontamentos, acusações e julgamentos”. Ela defende que, com muita luta, o passar das gerações fez a mulher conseguir; mesmo que de forma lenta, mas sempre positiva, ocupar lugares e ir conquistando o direito de fala. A





luta, segundo ela, é contínua e, para a mulher sambista, a caminhada pela busca por espaço também acirra com o passar do tempo.

Marcella Alves, porta-bandeira do Salgueiro, considera a dança do casal um ritual de saudação ao pavilhão e esse ritual é o que mantém o encantamento por essa arte forte até hoje. A mulher, segundo Marcella, tem papel fundamental na construção desse encantamento apesar de o pavilhão ter sido primeiramente defendido por um homem. Quem trouxe a magia para o bailado foram a delicadeza e a maestria da mulher.

Squel considera a vitória da mulher portar o pavilhão como um momento histórico e um resgate ancestral muito importante, quando a mulher, enfim, pôde participar do universo carnavalesco, na função de guardiã do pavilhão daqueles que constituem a sua comunidade, o seu grupo. Ela diz: “Estarmos no nosso lugar ancestral de pertencimento, numa posição especial com tanta força, magia e responsabilidade, é uma vitória que conquistamos e precisamos continuar lutando para que respeitem tudo o que representamos, assim como devemos repassar tal importância para as futuras gerações. Precisamos nos manter atentas e determinadas na busca por respeito e tratamento dignos”.

Mas, segundo ela, nem tudo são flores: “infelizmente já passei por situações machistas no decorrer da minha carreira, onde não fui respeitada como mulher e nem como profissional. Mas isso acabou me fortalecendo e abrindo os meus olhos para as lutas que devo travar, e pela a necessidade de manter a cabeça erguida para ir em busca de igualdade, de um salário igual ao do mestre-sala quando eu ganhava menos que ele, ou o desafio de me impor para que me tratem de forma respeitosa, por ser uma profissional que merece ter o mesmo tratamento que o meu colega de trabalho venha a ter, com relação às concessões dadas a ele pelo fato de ser homem”.





## 9. O PODER DE DECISÃO

A porta-bandeira tem autoridade sobre sua “corte”, inclusive decidindo quem pode beijar o pavilhão. O poder da decisão, ao conceder este direito, atesta grande honraria. Portanto, a decisão de levar o pavilhão para alguém demonstra para a plateia a importância da pessoa escolhida.

Ela é a mulher que carrega consigo qualidades exigidas para ser a guardiã do pavilhão da sua agremiação; a escola de samba procura por essa pessoa, a tradição a empodera e a mulher ocupa este espaço de protagonismo (e não mais só o papel de obedecer).

Dando voz à experiência, a porta-bandeira Rita Freitas, que atuou como porta-bandeira de 1982 a 2006, passando por escolas como G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio e G.R.E.S. Império Serrano, revela que para a apresentação nas quadras desenhou um protocolo em que oferecia primeiro a bandeira para o presidente da escola beijar. Em seguida, seguia para os convidados ao lado dele ou eventualmente a alguém que o presidente indicasse. Depois, seguia o ritual oferecendo a bandeira para o Diretor Geral de Harmonia beijar - era com quem o casal encerrava essa “cerimônia” antes de voltar à dança. Ela também procurava uma baiana e alguém da Velha Guarda para oferecer-lhes o pavilhão, pela representatividade que tinham na escola. Seguia esse protocolo hierárquico em combinação prévia com o mestre-sala e ressalta que eram poucos os que recebiam essa deferência de serem privilegiados com a escolha.

Quanto à honraria de beijar o pavilhão, Denadir Garcia, Porta-bandeira do G.R.E.S. Unidos da Tijuca, afirma que “o pavilhão é uma coisa muito sagrada e para beijá-lo eu acho que tem que ser pessoas específicas mesmo, tipo o presidente, uma primeira dama, um mestre de bateria, o vice-presidente,





algumas pessoas de destaque na escola”. Jaçanã Ribeiro, do G.R.E.S. Inocentes de Belford Roxo, explica que normalmente cede sua bandeira pra “velha guarda, diretoria, presidente, às vezes uma pessoa que o presidente quer que beije a bandeira”. Patrícia Cunha, do G.R.E.S. Acadêmicos do Cubango declara que quem pode beijar sua bandeira é “a presidência, toda a diretoria, Mestres-salas e Porta-bandeiras, membros da Velha Guarda, etc”. Já Jessica Ferreira, primeira porta-bandeira do GRES Unidos de Padre Miguel, diz que “a maioria das vezes só damos a bandeira pra beijar as pessoas que o nossos diretores de harmonia colocam na corte para nós apresentarmos a bandeira” mas “quando estou com o pavilhão e a pessoa está vestida adequadamente, é um torcedor da escola e pede pra beijar o pavilhão, eu deixo”.

Mas para tocar, e beijar o pavilhão, algumas regras devem ser seguidas, e sobre isso, o manual “Condução do Pavilhão: Orientações e Elucidações” (2018), de autoria de Viviane Martins Ramos, Manoel dos Anjos Dionísio, José Carlos Faria Caetano (Machine) e Carlos Antônio do Nascimento (Carlinhos Brilhante) que é utilizado no ensino de novos casais de Mestre-sala e Porta-bandeira nas escolas do mestre Manoel Dionísio e Minueto do Samba, com apoio da LIESA, LIERJ, RIOTUR, LIERJ e da Equipe Machine, estabelece que:

“O casal de mestre-sala e porta-bandeira não deve levar a bandeira para uma pessoa que esteja com uma roupa inadequada beijá-la. Pessoas que estejam de camiseta, boné, chapéu, shorts, bermudas, chinelos, com cigarros, charutos, cachimbos, copo de bebidas na mão não podem beijar o pavilhão, pois demonstra desrespeito ao mesmo. O ideal é apenas fazer uma reverência à distância para pessoa vestida desta forma.” (RAMOS et al, 2018)

No entanto, Denadir defende que “toda regra tem que ter sim uma exceção” e argumenta que “o cara às vezes tá patrocinando a escola, né? (...)”





ou até mesmo num show que nós vamos fazer para o patrocinador e ele tá de bermuda... E aí? Temos que dar a bandeira pra ele beijar, sim”. Porém, demarca um limite para sua “exceção”: “estar com bebida na mão e de boné ou de chapéu, eu peço pra tirar”. Jaçanã engrossa o coro de que em dados momentos essas regras acabam por terem que ser flexibilizadas e diz que: “nem sempre a pessoa tá ali, entendeu? Foi porque foi e às vezes não está com a vestimenta adequada. Eu não ligo muito não! Eu quebro protocolos! Eu não sou muito rígida não!”, mas concorda com Denadir que certas coisas não se devem tolerar: “Eu só não gosto que beijem minha bandeira quando estão de boné, ou chapéu, ou alguma coisa assim, tampando a cabeça. Eu sou extremamente chata com essa coisa!”. Já Patrícia não negocia: “Eu, Patrícia, não abro exceção, pode ser o presidente, se ele estiver de bermuda ele não vai beijar minha bandeira”.

## **10. AS AGREMIÇÕES NO RUMO HISTÓRICO DE DECIDIR PELA GRANDE DAMA ACOMPANHADA DO SUPER-HOMEM**

Os desfiles no início do século XX foram marcados pela grande rivalidade entre os grupos de Ranchos, Blocos e Cordões, e nesta briga, um objeto de desejo era “A” constância, que unia todos os desfilantes: a vontade de derrubada do pavilhão do grupo rival, (estandarte ou bandeira), que era cobiçado para sofrer ataques, ser roubado e/ou destruído.

O símbolo da beleza do grupo, com brasão, desenho, fatias de cores, que ia desfilando serelepe como um sinalizador da presença da potência energética daquela gente, despertava ira, valentia, sentimentos de combate. Urgia ser retirado das mãos da pessoa que o conduzia, através das lutas que marcam a atividade de humilhar, subjugar o outro, adversário. O grupo que





chegasse ao fim da apresentação sem o seu pavilhão, ou com ele em farrapos, sujo, pela metade, perderia pontos e teria que aceitar sua condição de mais fraco em preservar seu símbolo. Como era atividade de embate físico, sobrava para homens valentões a guarda deste amado e odiado pavilhão. Estes, responsáveis por tarefa que poderia resultar inglória, eram acompanhados por linhas de balizas, que o ajudavam servindo de escudo humano para resguardar mastro e planejamento.

Estes alegados motivos de segurança, que aparecem muito e se estabelecem na linha do tempo desta atividade de portar o pavilhão, este “Momento Um”, tem por configuração um sagaz lutador que era o corpo sustentador da insígnia. Não existia dança, só garbo e valentia para qualificar o homem escolhido. Quanto às mulheres, nem votar podiam (só a partir do ano de 1932, aliás, ano da primeira disputa entre Escolas de Samba). Num contexto histórico sufocante, elas buscavam vez quando não tinham voz. Elas teriam que cavar espaço através de muitas lutas, pois o patriarcado não daria nada fácil a elas, relegadas a segundo plano, bastidores dos desfiles. Era uma realidade que as proibiam de ser muitas coisas.

Pois são os mistérios da ancestralidade africana que fazem as animadas foliãs assumirem esta diferença de serem as condutoras da bandeira da agremiação. Supõe-se que nos anos de 1920, com a organização inicial das primeiras Escolas de Samba, que os diretores decidiram libertar o lutador do entrave de segurar mastro e cair na pancadaria. Deve ter-lhes parecido mais seguro migrar o pavilhão para a cintura de uma mulher de fibra, conhecida e respeitada naquela comunidade, ligada pelos lados de afeto que o samba constrói em Grêmio Recreativo Escola de Samba. Esta é uma década de muitas tentativas e erros, experimentações em busca do melhor modelo para





exercer a função. Até a década de 1930, existem histórias de homem como porta-bandeira, em atividade do que se considerava “masculino” (aparência de homem, sem usar apetrechos femininos); tem também informações de mestre-sala mulher, o que configura um período de pesquisa e mudança de padrões na bela atividade de liderar o desfile com a bandeira no braço.

Por algum mistério bem-vindo, os ventos míticos do batuque fizeram aqueles animados diretores decidir, como se decidia em África, onde especiais mulheres de grande dignidade eram as apontadas como condutoras perfeitas da insígnia da tribo ou nação. Uma divina dama digna acompanhada por seu glorioso protetor, um mestre-sala capaz de matar e morrer aos pés da encantada e destemida fêmea, seu bailado passa a ser mais para conquistar sua dama do que proteger, no sentido literal da palavra.

Foi este modelo que vigorou no início dos anos 1930 e que fez surgir as exposições competitivas das procissões negras das Escolas de Samba (FUNDAÇÃO, 2014). Não foi estável, não foi linear, não foi contínuo. Foi sofrido, tentado, testado, mas foi este modelo que sobreviveu em glória e esplendor durante todo o restante do século XX. E, de tal forma, a dobradinha pareceu nascida para brilhar, que bastaram seis anos de rodopios para que o deslumbrante par começasse a valer notas de pontuação aos olhos dos jurados e despertar gritos e aplausos apaixonados de quem os assistia.

## CONCLUSÃO

Ao repensar a significação da porta-bandeira e colocá-la como uma pessoa que tudo observa, no real, melhor seria questionar o “retrato imaginário” da porta-bandeira como Santa. A imagem de rainha, segundo as entrevistadas, é a mais adequada, pois pecam, erram, mas são as





mantenedoras da tradição e mandatárias, com o poder da pena, (“assinar” o futuro do reino). Quando estas rainhas (porta-bandeiras) colocam o pavilhão no copinho do talabarte, elas se transformam.

Que não sejam esquecidas as histórias daqueles que começaram todo esse processo, para que hoje, a cultura da escola de samba seja a maior referência cultural do nosso País, no mundo. Não esqueçamos que eles passaram por muitas humilhações, mas seguiram firmes construindo uma base sólida para que as gerações futuras pudessem dar sequência ao que foi construído, tendo o respaldo de um passado forte que nos inspira a seguirmos em frente, de cabeça erguida. Que não se perca a força, a garra e a honra de sua ancestralidade.

O sentimento de SquelJorgea resume as intenções deste artigo: “eu me sinto muito especial em poder viver isso; por estar nesse lugar em que os meus antepassados lutaram e resistiram, para que hoje estejamos aqui, dando continuidade ao legado deixado”. Que elas sigam, sendo as guardiãs da bandeira da memória, para que a essência dos ritos e tradições não caiam no rio do esquecimento, com o passar do tempo!

## REFERÊNCIAS

FUNDAÇÃO Cidade das Artes. **A Realeza na Avenida**. Notícias. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: <<http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/295>>. Acesso em 05 de Agosto de 2020.

LIESA, Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. **Manual do Julgador**. Disponível em <<https://cutt.ly/KdGy8aQ>>. Acesso em 02 de Agosto de 2020.





LIGASP, Liga Independente das Escolas de São Paulo. **Manual do Julgador**. São Paulo: 2020. Disponível em <<https://cutt.ly/odGyCf5>> . Acesso em 05 de Agosto de 2020.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011. (p. 516)

NOGUEIRA, N. et al.(org.) **A Força Feminina do Samba**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Cartola, 2007.

SANTOS, Ivanir dos. **O leviatã Contemporâneo**. Gueledes. Estudos Afro-Brasileiros e Lutas: 2019.

ORLANDI, Eni. **Discurso, Imaginário Social e Conhecimento**. Campinas, Revista Em Aberto, nº 61, ano 14, Unicamp, p.53-59, 1994.

GONÇALVES, Renata de Sá. **A Dança Nobre do Carnaval**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

SAMBA EM REVISTA. N.4 - Ano 5. Rio de Janeiro: Museu do Samba, 2013

SOUZA, Eliane Santos de. **Daqui De Onde Te Vejo**: reflexões de uma porta-bandeira sobre o Mestre-Sala. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes, 2017.

VERGER, Pierre. **Orixás**. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018. 1a ed.

RAMOS, Viviane Martins; DIONÍSIO, Manoel dos Anjos; CAETANO, José Carlos Faria e NASCIMENTO, Carlos Antônio. **Condução do Pavilhão: Orientações e elucidações**. Rio de Janeiro: 2018.

